

A INTERFERÊNCIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA PRÁTICA DO PROFESSOR

Thalita Maria Corcino Sousa¹

Maria Cecília Martínez Amaro Freitas²

Resumo

Estudos científicos apontam a existência de vários tipos de inteligência. Dentre elas, a Inteligência Emocional é, certamente, uma das mais importantes, independente da área de atuação. O presente estudo, de cunho bibliográfico, busca explicar como essa inteligência interfere no desempenho de uma área específica, a docência. Para tanto, inicialmente, explica-se em que consiste a inteligência emocional e quais são suas características, logo se destaca como o desequilíbrio dessa inteligência afeta o trabalho do professor e, finalmente, apontam-se formas de desenvolver essa inteligência em benefício da prática docente. O estudo permite afirmar que a aquisição de uma consciência emocional não apenas nas atividades educativas mas também na gestão das relações, admite ao professor um melhor desempenho.

Palavras-chave: inteligência emocional, docência, prática profissional.

INTRODUÇÃO

O mundo atual passa por crises onde há um aumento crescente dos índices de criminalidade, suicídios, abuso de drogas e outros indicadores de mal-estar social. O individualismo exagerado gera uma competitividade cada vez maior, trazendo consigo o isolamento, perda das relações sociais, pressões de ordem econômica-sociais e sobretudo um desconforto emocional, principalmente em crianças. O cultivo de aptidões que são próprias da emoção e maior cooperação entre as pessoas são algumas das carências do presente século.

Cientificamente, está demonstrado por autores como Gardner (1983) Daniel Goleman (1995) e Celso Antunes(1999) que as emoções são um dos principais sistemas motivadores do comportamento humano, e que o contexto pode desempenhar um papel importante no seu estímulo.

Neste sentido, os psicólogos Salovey & Mayer, em 1990, criaram o termo “inteligência emocional”, para referir-se à habilidade de controlar as próprias emoções para promover o crescimento emocional e intelectual.

¹ Acadêmica graduanda do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA;2016-2

² Mestre em Linguística Aplicada. Professora do ISE/UniEVANGÉLICA, Orientadora da Pesquisa.

Este estudo, de cunho bibliográfico, busca a compreensão da Inteligência Emocional dentro da práxis docente abordando sua importância, conceito e características. Apresenta as implicações de sua ausência ou inoperância, tanto no campo social como educativo e, por fim, aponta formas de desenvolvê-la.

1. A Inteligência Emocional e suas características

A inteligência por muito tempo foi quantificada e avaliada por testes de QI. Medir a altura real e potencial da inteligência tornou-se alvo de muitos pesquisadores. O psicólogo francês Alfred Binet (1900) foi um dos primeiros a tentar mensurar a inteligência. Os testes elaborados por ele mediam o grau de aproveitamento dos estudantes de escolas públicas francesas. (GARDNER,2000). Estes testes foram denominados de Escala Simon-Binet, que mediam o QI (Quociente de Inteligência) em crianças pequenas elencando centena de itens como: definição de palavras, problemas matemáticos, discriminações sensoriais, testes de memórias, entre outros. (GARDNER,2000)

Tais estudos cognitivos na virada do século XX apontavam formas de medir a inteligência das crianças e foram sendo aplicados em escolas parisienses da época e propagados pelos Estados Unidos que utilizaram os testes de inteligência na Primeira Guerra Mundial. Após isso, o sucesso foi tão imenso que tornaram os testes de QI a grande descoberta da Psicologia, sendo referência em todo o mundo. (GARDNER,2000) Durante um grande período essa foi a forma de se enxergar e medir a inteligência.

Em 1983, o psicólogo norte-americano Howard Gardner propõe uma nova visão sobre a inteligência como constituição de competências e desenvolve sua teoria das inteligências múltiplas. Através de biografias de indivíduos analisados e estudos empíricos sobre populações excepcionais, incluindo prodígios e crianças autistas, Gardner cria uma lista classificando sete tipos de inteligência. Somente as inteligências candidatas que satisfaziam todos ou a maioria de seus critérios foram selecionadas como verdadeiras, são elas: Inteligência musical, corporal-cinestésica, lógico-matemática, linguística, espacial, interpessoal e intrapessoal. (GARDNER,2000)

Entretanto, em 1990, dois psicólogos americanos, John Mayer e Peter Salovey, apresentaram a primeira formulação de um conceito que chamaram de “inteligência emocional”. Uma nova forma de repensar os fatores realmente importantes para o sucesso, exatamente discutidos em um período que a excelência do QI para se ter um futuro promissor era inquestionável. (GOLEMAN,2005)

Nesta época, o objetivo foi estudar a habilidade de conceber e perceber as emoções de forma inteligente sob perspectivas empíricas, analisar a existência desse novo construto e posicioná-la juntamente com as inteligências múltiplas de Gardner, conforme Salovey e Mayer (1990, apud COBÊRO, PRIMI e MUNIZ,2006).

Do ponto de vista ocidental, as emoções não se relacionavam com a inteligência, não eram respeitadas, nem tampouco consideradas como potencialidades para se obter sucesso. Tratadas como “perda completa do controle cerebral” ou até mesmo “interrupções desorganizada da atividade mental”, conforme citam Salovey e Mayer (1990), as emoções eram caracterizadas como caóticas, casuais ou algo a se superar.

Contudo, esses mesmos autores definiram as emoções como respostas, estímulos causados por ocorrências internas ou externas, conceito que integra razão e emoção.

Nós vemos as emoções como respostas organizadas, atravessando muitas fronteiras de muitos subsistemas psicológicos. As emoções surgem tipicamente em resposta a um evento, interno ou externo, que tem um significado válido positiva ou negativamente para o indivíduo. As emoções podem ser distinguidas de um conceito intimamente relacionado de humor no qual as emoções são mais curtas e geralmente mais intensas. No presente artigo, nós vemos a resposta organizada das emoções como adaptativas e algo que pode potencialmente levar à transformação das interações pessoais e sociais em uma experiência enriquecedora. (SALOVEY E MAYER ,1990. p. 186)

De forma objetiva esse artigo publicado em 1990 apresentou a primeira definição de Inteligência Emocional, assim como ressaltar suas habilidades e como elas afetam as relações pessoais e sociais. A inteligência emocional é considerada parte da visão de Gardner que a denomina como inteligência pessoal subdividida em inteligência intra e interpessoal.

Assim como a inteligência social, as inteligências pessoais (divididas em inteligências inter- e intra-pessoais) incluindo o conhecimento sobre si e sobre os outros. Um dos aspectos da inteligência pessoal se relaciona a

sentimentos e é bem próxima daquilo que chamamos de inteligência emocional. (SALOVEY; MAYER, 1990. p. 189)

Para Mayer e Salovey (1997 apud COBÊRO, PRIMI e MUNIZ, 2006), a inteligência emocional é uma habilidade cognitiva que relaciona as emoções na resolução de problemas. Os autores caracterizam esse processo psicológico da inteligência emocional em quatro divisões:

- 1. Percepção, avaliação e expressão da emoção.** Diz respeito à competência de domínio sentimental em cada situação importante para o discernimento emocional e de autocompreensão. Refere-se à capacidade de discernir emoções e julgá-las entre falsas ou verdadeiras.
- 2. Emoção como facilitadora do ato de pensar.** Através das emoções se facilita o entendimento das informações contidas em cada situação envolvida. Priorizam-se as ideais centrais das experiências emocionais e atendem-se as informações mais importantes.
- 3. Análise de emoções e emprego do conhecimento emocional.** Aptidão de confortar-se, livrar-se da ansiedade, tristeza ou irritabilidade. Motivar-se, ser capaz de pôr as emoções a serviço de uma meta. Saber adiar a satisfação e conter a impulsividade.
- 4. Controle reflexivo de emoções para promover o crescimento emocional e intelectual.** Desenvolver a empatia. Identificar as necessidades dos outros e o que querem. Aptidão de lidar com as emoções em si mesmo e nos outros.

Essas características que revelam a inteligência emocional também foram alvo de estudos de outros pesquisadores na mesma década. Um dos estudos que obteve significativa relevância foi realizado em 1995 por Daniel Goleman que propunha um modelo de inteligência emocional traduzido em competências que separam indivíduos notáveis dos medianos, baseado no trabalho de Salovey e Mayer e outros estudiosos da época. (COBÊRO, PRIMI e MUNIZ, 2006)

Baseado na teoria das inteligências intra e interpessoal de Gardner e influenciado pelo novo constructo das emoções de Salovey e Mayer, Daniel Goleman, psicólogo PhD de Harvard, populariza então o conceito de “Inteligência Emocional”.

Segundo Goleman (2005), a inteligência emocional refere-se a um conjunto de aptidões que incluem autocontrole, zelo, persistência e a capacidade de automotivação. A Inteligência Emocional é a capacidade para conseguir um resultado positivo na gestão das emoções – nossas e dos outros (inteligências pessoais e intrapessoais). O conhecimento das nossas emoções e a de outros, permite-nos compreender as nossas relações, controlar o que nos acontece, regular o stress e fazer as melhores escolhas.

Como Goleman afirma

as pessoas com prática emocional bem desenvolvida têm mais probabilidade de se sentirem satisfeitas e de serem eficientes em suas vidas, dominando hábitos mentais que fomentam sua produtividade; as que não conseguem exercer nenhum controle sobre sua vida emocional travam batalhas internas que sabotam a capacidade de concentração no trabalho e de lucidez de pensamento. (GOLEMAN,1995, p.49).

Para Goleman (1995) a principal característica da Inteligência emocional está no fato de desenvolver aptidões emocionais cognitivas e comportamentais. Aptidões emocionais que resultam na capacidade de identificar e rotular os sentimentos, expressar e avaliar a intensidade dos sentimentos, controlar os impulsos, reduzir as tensões e saber diferenciar ações de sentimentos. Nas aptidões cognitivas desenvolvidas estão presentes a autoconsciência, compreender as perspectivas do outro, falar consigo mesmo, compreender normas de comportamento. Quanto ao comportamento, a inteligência emocional apropria o indivíduo a comunicar-se por contato ocular, expressão facial, tom de voz adequado. Fazer pedidos claros, responder eficientemente à crítica, resistir as influências negativas, ouvir os outros e ser participativo de forma positiva. (GOLEMAN,1995)

Compreende-se então que ter uma inteligência emocional ajustada traz inúmeros benefícios para o indivíduo que a possui, assim como para quem com ele convive. Em algumas profissões essa habilidade torna-se primordial, como é o caso do professor. O convívio na sala de aula com grandes e diversos grupos de alunos, comportamentos díspares que advém de culturas diferentes reunidos no mesmo ambiente, devem ser geridos e mediados por um profissional que tenha essa competência. Entretanto, nem sempre essa condição está em equilíbrio por diversas razões (estruturais, físicas,

emocionais, etc) e, nesse caso, há muitas perdas tanto para o professor como para o aluno.

Por essa razão torna-se importante demonstrar que é possível utilizar as emoções de forma inteligente e adaptá-lo, contribuindo assim para a saúde mental das pessoas, em especial do professor, levá-lo a refletir sobre como compreender suas emoções, e a capacidade de controlar as mesmas para promover o crescimento tanto emocional e intelectual dele e de seus alunos.

2. O desequilíbrio da Inteligência Emocional na prática do professor

Poucos estudos têm tratado sobre a importância das emoções no contexto educativo em relação ao professor e o papel fundamental que elas desempenham em sua função devido as constantes situações de interação. Contudo, sabe-se que quando as emoções encontram-se em conflito podem acarretar situações de tensão e desgaste para o professor.

Isso é comprovado por pesquisas, como cita Augusta Veiga Branco (2004) em seu estudo sobre as competências emocionais do professor. Nele a autora menciona um estudo realizado em 2002 no Reino Unido sobre altos níveis de stress no trabalho. Segundo os dados levantados pelos pesquisadores, algumas profissões apresentam maior predisposição para altos níveis de estresse, entre elas destacam-se os médicos, os controladores de tráfego aéreo e os professores. (BRANCO,2004).

A autora ainda registra outras publicações, dados estatísticos e investigações, realizados entre os anos de 1996 a 2004, todos sobre o nível de estresse entre os professores. Em países como Brasil e Portugal destacam-se como os principais causadores dessa situação a relação professor-aluno, a desvalorização social dos professores, a desvalorização da profissão perante o Estado, a pressão por parte dos pais de alunos, a culpabilidade face ao insucesso dos alunos, dentre outros motivos de ordem pessoal. (BRANCO,2004)

Esta realidade tende a afetar o equilíbrio da inteligência emocional de muitos professores devido às pressões, temores, diversa e intensas situações de desgaste mental que contribuem para o desajuste emocional desse profissional. Compreende-se então, que as condições emocionais do docente são importantes porque seu equilíbrio,

ou a falta dele, igualmente interferem na autoavaliação de sua prática educativa. Além disso, perpassam o âmbito escolar e podem afetar o aspecto pessoal.

Convém lembrar que o equilíbrio emocional está diretamente ligado ao nível de maturidade afetivo-emocional que, quando trabalhado, resulta em autoconhecimento. Segundo o autor e professor Paul Nash (1968), em seu livro *Autoridade e Liberdade na Educação*, é de suma importância o desenvolvimento da consciência para se atingir o elevado nível de maturidade.

(...)A única maneira de velejarmos por entre essa espécie de Cila e Caríbdis é fortificarmo-nos com o calmo conhecimento de nossas próprias habilidades, limitações, motivações nobres e impulsos básicos.

(...)De importância vital para a elevação desse grau de maturidade é o desenvolvimento da consciência. (NASH,1968, p.255)

Também, neste contexto Branco (2004) defende que o valor educativo do professor é relativo ao seu grau de maturidade afetiva, conforme ele domina ou não os seus próprios afetos e reações.

Para Goleman (1995) a auto-observação permite a existência dessa consciência moderada de sentimentos positivos e negativos. Ser autoconsciente é ter sensibilidade e ciência do estado de espírito e de seus pensamentos. Para ele, a autoconsciência é um dos atributos da inteligência emocional. Portanto, quem não estiver apto nesta capacidade estará constantemente em luta com sensações de angústia, ou ser vítima dos seus próprios comportamentos pouco sensatos e ineficazes.

Influenciado pelas teorias de Mayer, Goleman (1995) analisa atitudes peculiares de pessoas incapazes de lidar com suas emoções e indivíduos com aptidão emocional, classificando-os ***mergulhadas, resignadas e autoconscientes***.

As pessoas ***mergulhadas***, segundo o psicólogo, são sujeitos que não possuem autocontrole, a falta de administração das emoções trazem consequências como instabilidade e dificuldades de livrar-se do estado de espírito negativo.

São pessoas muitas vezes imersas em suas emoções e incapazes de fugir delas, como se aquele humor houvesse assumido o controle de suas vidas. São instáveis e não têm muita consciência dos próprios sentimentos, de modo que se perdem neles, ficando sem perspectivas. Em consequência, pouco fazem para tentar escapar desses estados de espírito negativos, achando que não são capazes de exercer controle sobre suas emoções. Muitas vezes se sentem esmagadas e emocionalmente descontroladas. (GOLEMAN,2005, p.79)

Como alvo de nosso estudo, o professor que não possui autodomínio, percepção de seus limites e alterações tanto físicas como emocionais está suscetível ao que Goleman denomina de **sequestros neurais e/ou emocionais**. São explosões emocionais que acontecem como reações em momentos antes que o cérebro perceba tudo o que está para acontecer, não havendo tempo de raciocinar qual a melhor decisão a se ter.

O sequestro ocorre num instante, disparando essa reação crucial momentos antes de o neocórtex, o cérebro pensante, ter a oportunidade de ver tudo que está acontecendo, e sem ter o tempo necessário para decidir se essa é uma boa ideia. A marca característica desse sequestro neural é que, assim que passa o momento, o cérebro “possuído” não tem a menor noção do que deu nele. (GOLEMAN,2005, p.44)

Dentro da perspectiva docente, Branco (2004) admite que esta inoperância da leitura das emoções não pode estar presente em um professor. Por mais que apresente altos níveis de QI e capacidade intelectual, é essencial a autoavaliação como controladora e gestora de suas emoções.

Goleman(2005) ainda descreve outras constatações de Mayer no que diz respeito ao que as pessoas tendem a adotar como estilos típicos para acompanhar e lidar com suas emoções, tais como pessoas **resignadas**. Esse estilo de comportamento caracteriza o indivíduo que, apesar de ter o conhecimento de si mesmo, alta percepção de suas reações e estados de espírito, não age para mudar a situação ou sentimento emocional ao qual está envolvido. Ou seja, quando absorvido pelo sentimento de raiva ou ira, por exemplo, apesar do reconhecimento, não evita de agir impulsivamente ou se livrar de tal estado.

Embora essas pessoas muitas vezes vejam com clareza o que estão fazendo, também tendem a aceitar seus estados de espírito e, portanto, não tentam mudá-los. Parece haver dois ramos do tipo resignado: pessoas que estão geralmente de bom humor e por isso pouca motivação têm para mudá-los, e as que, apesar de verem com clareza seus estados emocionais, são susceptíveis aos maus estados de espírito e os aceitam com um “deixa rolar”, nada fazendo para mudá-los, apesar da aflição que sentem — um padrão encontrado, por exemplo, em pessoas deprimidas que se resignam ao seu desespero. (GOLEMAN,2005, p.80)

O professor resignado pode apresentar atitudes de conformismo e passividade diante das dificuldades ou problemas encontrados em sua prática, o que é comum no

ambiente escolar, surgimento de conflitos e/ou situações que exigem a intervenção do professor, que no caso de ser uma pessoa resignada, mesmo incomodado, não fará “nada” para contornar ou resolver o problema

Ao fundamentar a necessidade do autoconhecimento para a prática docente, novamente recorremos a Goleman (1995) que define a autoconsciência como a percepção de si, e do que se sente traduzido a nível neurológico por um estado neural que mantém ativa a autorreflexão, o que significa ter consciência tanto do nosso estado de espírito, como dos nossos pensamentos a respeito desse estado.

As pessoas **autoconscientes** são aquelas que apresentam grande **inteligência emocional**, ou seja, demonstram conhecimento e controle de suas emoções, São reflexivas, possuem autoestima e maturidade; são perceptíveis e vigilantes. Goleman acrescenta que

essas pessoas, evidentemente, são sofisticadas no que diz respeito à sua vida emocional. A clareza com que sentem suas emoções pode reforçar outros traços de suas personalidades: são autônomas e conscientes de seus próprios limites, gozam de boa saúde psicológica e tendem a ter uma perspectiva positiva sobre a vida. Quando entram num estado de espírito negativo, não ficam ruminando nem ficam obcecadas com isso e podem sair dele mais rápido. Em suma, a vigilância as ajuda a administrar suas emoções. (GOLEMAN,2005, p.79)

Neste sentido, Branco (2004) destaca que o professor competente emocionalmente, ou seja, que possui sua inteligência emocional desenvolvida, é autônomo e tem a capacidade de ler e interpretar a realidade formando assim um construto mental de sua interação com o mundo.

Portanto, não seria a repressão das emoções que estariam em discussão no presente trabalho, mas o impacto, a influência da inteligência emocional na atual prática docente.

3.O desenvolvimento da Inteligência Emocional para a prática docente

. Através da revisão bibliográfica verifica-se que a formação emocional considerou-se, por muito tempo, apenas responsabilidade de pais e familiares. Ou então, cada indivíduo deveria ser autossuficiente para resolver suas dificuldades e

problemas emocionais. Nas instituições educativas priorizava-se a capacitação intelectual e acadêmica, treinamentos específicos voltados para a profissionalização, desconsiderando o aspecto emocional. (GOLEMAN,2005)

Entretanto, estudos demonstram (AMAZARRAY,CÂMARA E CARLOTO,2014) como as pessoas, cada vez mais, têm tomado consciência da necessidade do desenvolvimento das suas aptidões emocionais para o seu bom desempenho pessoal e profissional. Isso mostra como as competências emocionais são de extrema relevância para explicar o sucesso e o êxito em todos os campos de atuação, assim como ocorre com o professor.

O surgimento do conceito de **Inteligência Emocional** relaciona aspectos cognitivos e emocionais, isto é, potencializa esses elementos evidenciando que sua junção auxilia no melhor desempenho e, conseqüentemente, em um melhor resultado das ações do indivíduo.

Segundo Goleman (1995) a Inteligência Emocional é composta por cinco competências: **autoconsciência, gestão das emoções, automotivação, empatia e gestão de relacionamentos em grupo.**

A partir do construto organizado sobre as competências emocionais, autores defendem e instituições aplicam o sistema de técnicas psicopedagógicas denominado por Goleman (1995) de **Educação Emocional** ou **Alfabetização emocional**, que visa desenvolver cinco aptidões básicas:

Autoconsciência - Capacidade de reconhecer os próprios sentimentos, a percepção de si e do que se está a sentir. Avaliar a qualidade e intensidade dos próprios sentimentos.

Gestão das emoções - Controle das próprias emoções significa ser capaz de expressar adequadamente o que se está sentindo, evitando expressões emocionais ofensivas e negativas.

Automotivação - Capacidade de se motivar a si mesmo e de prosseguir, apesar das frustrações. Concentrar as emoções em função de uma meta.

Empatia - Habilidade de estar consciente do próprio estado emocional, ao mesmo tempo que se está em sintonia com o estado emocional do outro e interagir com este de forma bem sucedida.

Gestão de relacionamentos em grupo - A arte de lidar com relacionamentos.

São as aptidões que determinam a popularidade, a liderança e a eficiência interpessoal.

Para Goleman (2005) não há outro assunto dentro da qualificação do professor tão importante quanto a alfabetização emocional. O autor defende um novo olhar por parte das escolas quanto à formação continuada dos professores. Oferecer a eles cursos e programas de Educação Emocional, uma vez que em sua formação muito pouco lhe foi ensinado sobre a gestão das emoções.

Talvez não haja outro tema em que a qualificação do professor seja mais importante, uma vez que a maneira como ele lida com a classe é, por si mesma, um modelo, uma lição de fato de competência — ou incompetência— emocional. Sempre que um professor responde a um aluno, vinte ou trinta outros aprendem uma lição. (...) Para começar, eles precisam se sentir à vontade para falar sobre sentimentos; nem todos são ou querem ser assim. Pouca coisa ou nada na educação padrão dos professores os prepara para esse tipo de ensinamento. É por essa razão que os programas de alfabetização emocional, normalmente, fornecem aos professores em perspectiva várias semanas de treinamento especial na técnica. (GOLEMAN,2005, p.331)

Deste modo, Campos & Martins (2012) destacam a diferença na atuação do professor que consegue se apropriar destas competências, o que pode levá-lo à excelência profissional, bem como elevar sua qualidade de vida. Saber comunicar-se, gerir conflitos internos e externos, ter empatia e autocontrole são habilidades que promovem o crescimento emocional e intelectual do professor.

(...) Deste ponto de vista, entendemos que a importância que a capacidade de comunicar e de comunicar bem tem, sendo uma competência de valor incalculável quando pensamos em contextos de trabalho. Saber gerir um conflito, ser capaz de entender o sentimento do outro e ajudar a geri-lo, conseguir escolher a palavra “certa”, o gesto “adequado”, entender o significado de um sentimento não manifesto mas presente, ter a competência de se gerir a si e ao outro, bem como aos seus vínculos num determinado contexto, pode e faz toda a diferença num profissional de excelência. (CAMPOS & MARTINS, 2012, p.9).

Além do mencionado por estes autores, considera-se importante destacar Daniel e Michel Chabot (2005) que abordam em seu livro, *Pedagogia Emocional*, um auxílio para o professor desenvolver sua Inteligência Emocional. Nesse material, se dispõe um questionário para autoavaliação elencando atitudes e práticas docentes em que estão inseridas as competências emocionais organizadas por Goleman (1995). Os autores

elegem atributos úteis que devem ser adquiridos pelo professor, a começar pelo tópico **comunicação**. Sugerem a aptidão para leituras não verbais, carisma, clareza de espírito, empatia e complacência, entusiasmo e senso de humor.

Para promover a autoconsciência Chabot e Chabot (2005) apontam a avaliação desta habilidade a partir das seguintes atitudes:

- sabe perceber o estado emocional dos alunos a partir dos sinais não-verbais;
- a personalidade suscita o respeito dos alunos;
- quando expõe ideias, não se confunde, mesmo estando sobre pressão ou emocionado;
- sabe compreender o aluno quando este lhe conta seus problemas;
- durante as aulas transmite boas energias;
- apresenta senso de humor na sala e no relacionamento com os alunos
- estimula e facilita o contato com os alunos;

Neste sentido, o segundo atributo necessário para o professor é a **motivação**. O professor apresenta gosto e paixão pelo trabalho, credibilidade, disciplina, disponibilidade, engajamento e inspira confiança. Dentro destes aspectos suas práticas se refletem da seguinte forma:

- os alunos percebem o amor demonstrado no ensino e na disciplina;
- da mesma forma que impõe disciplina é disciplinado;
- mesmo com o tempo mínimo, para atender a necessidade de um aluno;
- estimula a participação dos alunos nos projetos, trabalhos em equipes;
- sua abordagem suscita nos alunos confiança em si próprios;
- provoca interesse dos alunos pelas aulas;

Chabot e Chabot (2005) ainda definem atitudes de um professor **autônomo**, este é reconhecido pela resiliência, capacidade de adaptação. É comprometido, criativo, diplomático, habilidoso e não faz oposição à flexibilidade. Este atributo é facilmente percebido através da:

- facilidade de adaptação a situações imprevistas;
- compreensão dos alunos na realização de provas, trabalhos e projetos;

- exploração de novos caminhos, inventando e sendo criativo em suas aulas;
- respeito às individualidades dos alunos através do diálogo;
- concessão de autonomia aos alunos para chegarem ao aprendizado;

Após tratar sobre a avaliação da autoconsciência, motivação e autonomia, os autores finalizam o questionário direcionado ao professor abordando a última categoria de competências emocionais que é a **gestão de si**. Apontam capacidades como manter a calma, a concentração, a confiança em si mesmo, o autocontrole, o otimismo, a paciência, a perseverança e a serenidade. Para Chabot e Chabot (2005), o professor com inteligência emocional apresenta o seguinte comportamento:

- permanece calmo em situações de estresse;
- os problemas pessoais não são percebidos pelos alunos ou interferem em suas aulas;
- diante dos problemas, mantem o autocontrole;
- não importa o grau de dificuldade do aluno, é perseverante;
- mantem a confiança e esperança mesmo quando o planejado não dar certo;
- não se deixa abalar pelos acontecimentos.

Para Martins e Melo (2008)

Educação emocional cria condições para qualquer tipo de diálogo, contato humano e relacionamentos curtos ou duradouros. De forma a dar-se as melhores recompensas possíveis para todos os indivíduos envolvidos, contribuindo para o seu desenvolvimento e para uma saúde integral efetiva, ou seja, para a sua Qualidade de Vida. (MARTINS e MELO,2008,p.129)

Considerações finais

Perante o estudo, pode-se verificar que as emoções apontam uma relação direta com valores expressivos para a saúde, a qualidade de vida, os relacionamentos, o desempenho, bem como conflitos e satisfação.

O trabalho desenvolvido teve como principal objetivo compreender como a Inteligência Emocional interfere na práxis docente, o impacto de sua ausência/presença

em professores. Nesta perspectiva, foram avaliadas razões que podem influenciar a Inteligência Emocional dos docentes, para que, deste modo, fosse possível compreender a importância do desenvolvimento deste conceito na autogestão das emoções e na construção de relações inter e intrapessoais, que levam a uma maior eficácia destes profissionais dentro da escola.

As reflexões construídas mostraram, de forma clara, que as pressões externas, a dificuldade de expressar emoções em tomar decisões, tanto a nível pessoal como profissional, a incapacidade de acreditar nos outros e em si próprio, as exigências que são colocadas no dia a dia de trabalho, não apenas nas atividades educativas mas também na gestão das relações com os colegas e com os pais das crianças, dificultam visivelmente este grupo de profissionais de se apropriarem de uma consciência emocional que lhes permita um melhor desempenho.

Constata-se como essencial referente à destreza da Inteligência Emocional do docente, a discussão e preparação nos cursos de formação acadêmica ou continuada. Tem-se a falsa ideia de que ensinar tal competência não é necessário ou tão relevante quanto as outras atribuições contidas nos planos curriculares, pois essas possuem formação específica para o seu desenvolvimento. Outro agravante é, que para melhorar a qualidade do ensino, os cursos de formação contínua ofertados aos docentes, seja por escolas ou Secretarias, buscam atualizar os saberes didáticos, capacidade intelectual, acrescentar mais conhecimentos gerais e pedagógicos atribuindo novas técnicas à prática docente, sem considerar seu equilíbrio emocional.

Considera-se necessário que a iniciativa pública e privada desenvolvam melhores condições de trabalho, políticas públicas que visem melhorar a qualidade de vida dos professores, não apenas na valorização salarial, mas ações que elevem sua importância social, os tornando mais seguros e confiantes em suas atuações.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Celso. **As inteligências múltiplas e seus estímulos**. São Paulo: Papyrus, 1999.

AMAZARRAY, M. CÂMARA S. CARLOTO M. **Atenção à saúde mental do trabalhador**: Porto Alegre, EVAGRAF,2014.

BRANCO, A. **COMPETENCIA EMOCIONAL - Um estudo com professores**. Coimbra, Quarteto,2004.

CHABOT, D. CHABOT, M. **Pedagogia emocional: Sentir para aprender**. São Paulo, SÁ EDITORA,2005.

CAMPOS, S. MARTINS, R. 2012 A **Inteligência Emocional Em professores de educação especial da região de Viseu**. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium43/2.pdf>. Acesso em 07/10/2016.

COBÊRO, C. PRIMI, R. e MUNIZ, M. 2006 **Inteligência emocional e desempenho no trabalho: um estudo com MSCEIT, BPR-5 E 16PF**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n35/v16n35a05.pdf>. Acesso em 07/10/2016.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas** - Porto Alegre: ARTMED,1983.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas** - Porto Alegre: ARTMED,2000.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Rio de janeiro: OBJETIVA LTDA,1995.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Rio de janeiro: OBJETIVA LTDA,2005.

MARTINS, M. MELO, J. **Emoção...Emoções...Que implicações para a saúde e qualidade de vida?** 2008 Disponível em: <http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/365>. Acesso em 07/10/2016.

NASH, P. **Autoridade e Liberdade na Educação - Uma Introdução à Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro : BLOCH,1968

SALOVEY, P. MAYER, J. 1990 **Emotional Intelligence**. Disponível em: http://www.unh.edu/emotional_intelligence/EI%20Assets/Reprints...EI%20Proper/EI1990%20Emotional%20Intelligence. Acesso em 5 de agosto de 2016.